

Dr. Mark Jennings, Marcos, Aula 5, Marcos 2:18-28. O Ministério Público Continua

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 5 sobre Marcos 2:18-28. O Ministério Público Continua.

Olá, é bom estar com vocês novamente. Temos trabalhado em Marcos capítulo 2 e temos trabalhado no ministério público de Jesus. Uma das coisas que vimos da última vez, começando pelo final com o leproso, o homem com lepra, e olhamos para a relação entre lepra e pureza e linguagem de pureza, e Jesus é o mais forte.

Sua pureza é mais forte que a impureza do leproso. Então olhamos para o homem paraplégico e como Jesus usou essa oportunidade com o homem paraplégico para afirmar sua fé, a demonstração muscular de sua fé, seu comprometimento ativo em chegar a Jesus, usou isso como uma oportunidade para declarar seu poder de perdoar pecados e como ele vinculou seu poder de perdoar pecados com sua habilidade de restaurar completamente o homem paraplégico. No meio disso, havia uma declaração sobre a autoridade de Jesus, a habilidade de Jesus de perceber os pensamentos.

Isso começou a introduzir um conflito crescente que estava começando a borbulhar agora entre os líderes religiosos e Jesus. O que foi sugerido antes agora começa, essa divisão começa a se tornar mais e mais pronunciada enquanto eles perguntam quem pode fazer isso, senão Deus somente, o que esse homem está dizendo? Ele está blasfemando. Então essa tensão alimentou o chamado de Levi, onde Jesus chama alguém que teria sido considerado uma pessoa desprezível, deplorável, um pecador por definição por causa da extorsão que ele teria feito dada sua habilidade como cobrador de impostos e sua posição.

Um como este ainda era chamado, não havia pré-qualificação, se preferir, para o chamado de Jesus; é completamente decisão de Jesus, e ele diz, siga-me, e ele imediatamente o segue. Havia uma festa, e ele estava comendo com cobradores de impostos, e o que eu argumentei seriam pessoas de outras vocações pecaminosas, prostituição, talvez homens fortes que foram usados como rufiões para causar danos físicos e outros. Há uma controvérsia que acontece lá, novamente os líderes religiosos perguntando aos discípulos por que Jesus está cometendo um erro social e até mesmo um que teria afetado sua honra e sua vergonha ao se associar com aqueles que são, por definição, pecadores, aos quais Jesus responde que este é o grupo exato de onde ele veio.

Com isso em mente, quero que continuemos pensando sobre essas crescentes controvérsias que estão ocorrendo e vemos isso se acumulando uma sobre a outra

em Marcos. Marcos frequentemente apresentará controvérsias em sequência e, portanto, há uma maneira de o que aconteceu anteriormente estar informando o que está ocorrendo. Quero olhar para uma controvérsia que acontece a respeito da questão do jejum aqui no capítulo 2, continuando nosso trabalho, olhando para os versículos 18-22.

Agora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Algumas pessoas vieram e perguntaram a Jesus como é que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus estão jejuando, mas os seus não estão? Jesus respondeu: como podem os convidados do noivo jejuar enquanto ele está com eles? Eles não podem, enquanto o tiverem com eles, mas chegará o tempo em que o noivo será tirado deles, e naquele dia eles jejuarão. Ninguém cose um remendo de pano novo em roupa velha.

Se ele fizer isso, o pedaço novo se soltará do velho, piorando o rasgo. Ninguém põe vinho novo em odres velhos. Se ele fizer isso, o vinho estourará os odres e tanto o vinho quanto os odres serão arruinados.

Não, ele derrama vinho novo em odres novos. Então parece haver uma combinação de algum material aqui que foi condensado nos versículos 18-20 e depois nos versículos 21-22, essa questão do jejum e depois essas declarações sobre pano e vinho. E quando olhamos para isso, há um foco biográfico também, que é o que eu acho interessante nos versículos 18-20, o que nos diz sobre Jesus, sobre como ele é o foco da celebração como alguém que trouxe algo novo para a cena que tornou o jejum errado.

Então, pense sobre esse jejum novamente, tentando definir o contexto. Provavelmente, está se referindo ao jejum regular, jejum que pode ter ocorrido às segundas e quintas-feiras, talvez mais do que o dia de jejum anual associado a festivais como o Dia da Expição ou Rosh Hashanah. A implicação, é claro, é que há esse ritual estabelecido de jejum que ocorreria regularmente, o que os seguidores de João, que se referem a João Batista, estão fazendo, e os fariseus estão fazendo.

Então, presumivelmente, a maneira como a lógica funciona é que aqui estão dois grupos muito respeitados, aqueles que têm seguido João e os fariseus, e esses grupos praticam continuamente o jejum regular, mas os discípulos de Jesus não. E na pergunta, você sabe, mas os seus não. Eu acho interessante. Qual é o tom da pergunta? E quando olhamos para o tom da pergunta, se eu dissesse isso, ou melhor, se Marcos dissesse que algum líder religioso de Jerusalém veio e fez essa pergunta a Jesus, saberíamos imediatamente que o tom é que os líderes religiosos estão tendo um problema com isso e isso pode ser uma forma de armadilha. O fato de Marcos nos dizer que apenas algumas pessoas vieram e perguntaram a Jesus pode indicar que pode realmente haver algum questionamento sério acontecendo aqui, não simplesmente controvérsia em torno de tentar prender ou tropeçar em Jesus.

Dito isso, a natureza da pergunta pode permitir que a menção dos fariseus permita um pouco de mistura de ambos. Eu simplesmente acho isso interessante; acho que, conforme você trabalha na narrativa, devemos sempre fazer a pergunta de quem está fazendo o quê e onde e como isso nos ajuda a entender o que está acontecendo. Agora, a resposta de Jesus é interessante porque a implicação é que o professor é responsável pelo comportamento dos discípulos.

A questão não é chegar ao cerne do que os discípulos estão fazendo errado, mas por que você não se certifica de que seus discípulos estão jejuando? Então, realmente, a questão é sobre por que Jesus não os está fazendo jejuar. E ele responde apresentando uma imagem aqui onde ele diz, como os convidados do noivo podem jejuar enquanto ele estava com eles? Agora, esta tradução de como os convidados do noivo jejuam pode, eu acho, minimizar um pouco. É realmente os filhos do noivo é uma espécie de ideia que é apresentada na linguagem dos filhos da câmara nupcial.

Então, não são apenas os convidados, mas são aqueles que são o grupo próximo que têm a responsabilidade de aproveitar e celebrar com o noivo. Eles ficariam de guarda na câmara nupcial; esse era um dos seus trabalhos, protegê-la, garantir que pudessem anunciar a consumação do casamento. Então, essas não são apenas pessoas que são convidadas para vir sentar e ir saborear um bolo.

Esses são indivíduos que têm um relacionamento especial com o noivo. E a questão é como os convidados do noivo podem jejuar enquanto ele estava com eles por tanto tempo, eles não podem enquanto o têm com eles. E a ideia aqui é que Jesus está pintando uma cena do que está ocorrendo atualmente com o noivo.

Com os discípulos e ele, é semelhante a uma celebração nupcial. É semelhante a um momento de alegria onde o noivo e os filhos do noivo, metaforicamente falando, os atendentes do noivo, estão juntos, e em um casamento, você não pensaria em jejuar.

Jejuar em uma celebração de casamento como essa seria completamente inconsistente com o momento. E o momento é de alegria e de celebração. Jejum é essa ideia de propositalmente manter comida longe de si mesmo por uma razão, seja para o sofrimento do jejum para ajudar a contemplar em um ato devocional ou uma recusa simbólica de algo para criar uma atmosfera de devoção.

Havia diferentes razões dadas para o jejum. Geralmente havia temporadas que eram separadas relacionadas a alguma forma de devoção ou piedade. Mas no cerne do jejum há uma carência.

Jejuar é ter falta de comida, sofrer, sentir falta. E o que Jesus está dizendo é que não faz sentido quando alguém está perto dele. Que haja a ideia de sofrimento ou de

falta na presença de Jesus é tão inconsistente quanto os filhos do noivo jejuando no meio de uma festa de casamento.

Acho isso fascinante porque ele está claramente se apresentando como o noivo. É possível que você veja referências do Antigo Testamento até mesmo em jogo nessa visão, seja em Isaías 54, Isaías 62 ou Ezequiel 16, onde o próprio Deus é retratado como um noivo. E pode até haver implicitamente aqui uma reclamação de que Jesus está assumindo esse papel previamente atribuído a Deus.

E, claro, a grande ideia de banquete de casamento, da qual no final de todas as coisas, há um banquete perpétuo, contínuo, eterno, um banquete de casamento que está sendo celebrado. Então, todos os tipos de imagens entram em jogo. A analogia é que o noivo, a ideia do casamento e o jejum no casamento mostram a incongruência dos discípulos, assim como o jejum em sua presença.

Mas ele não para por aí, o que eu acho fascinante. E isso pode ter sido suficiente. Ele disse que o que os fariseus estão fazendo e o que os discípulos de João estão fazendo, e até certo ponto, ele está quase insinuando, sim, isso faz sentido na situação deles.

Mas não faz sentido aqui porque eu estou aqui. Eu sou a coisa que muda. Por que os discípulos não estão jejuando? Porque eles estão comigo.

Que algo é diferente na minha presença. Uma declaração muito, muito forte. Mas então ele muda dessa imagem e metáfora, e entra em uma ideia de um casamento que nunca aconteceria.

Você entende isso, mas chegará o tempo em que o noivo será tirado deles. E naquele dia eles jejuarão. Bem, não existe essa imagem de práticas normais de casamento onde, de repente, todos os convidados do noivo jejuam e entram em luto.

Então, ele mudou algo aqui nesta história. Há um pouco de surpresa. E eu acho interessante que talvez aqui você tenha, e eu acho que aqui você tem, um prenúncio de que Jesus, enquanto dizia que eu estou aqui atualmente como uma ocasião de alegria semelhante a um casamento, vai haver um momento em que aqueles aqui que estão comigo não vão sentir alegria, onde eles vão sentir dor de cabeça e anseio, as mesmas motivações que são semelhantes a pedir um jejum.

E então a questão se torna, qual é esse tempo de que ele está falando? Mas o tempo chegará. A que ele está se referindo? E para mim, a resposta para isso é a frase tirada deles. Acho que a opção da ascensão não funciona aqui porque Jesus não é levado à força.

Na verdade, a Escritura é bem clara de que esse é um bom momento. Jesus dá ordens, pois o Espírito Santo virá no paraquedas e informará. Então, parece improvável que Jesus queira conectar sua ascensão após sua ressurreição a isso.

Parece mais provável que eu pense que ele esteja se referindo à sua prisão e morte vindouras, que haverá um tempo em que ele será tirado deles. Então, aqueles momentos em que ele é tirado, referindo-se ao julgamento, à prisão, ao julgamento, à crucificação e ao sepultamento, serão qualitativamente diferentes. Esses momentos serão o oposto, se você quiser, da festa de casamento, mas eles serão cheios de carência.

E que há esses tempos que estão chegando para esses discípulos em particular. Acho que é a isso que ele está se referindo. E então, você tem essa metáfora, essa ideia de que há um novo estado de coisas, o noivo está presente, há um novo estado de coisas que está em ação.

E eu acho que é isso que inicia o que acontece em 21 e seguintes. Ninguém costura um remendo de pano sem corte em uma roupa velha. Se ele fizer isso, o novo pedaço se afasta do velho, piorando o rasgo.

E ninguém derrama vinho novo em odres velhos. Se o fizer, o vinho estourará os odres e tanto o vinho quanto os odres serão arruinados. Então, acho que temos isso: ele apresenta duas imagens de como o velho e o novo não podem ser simplesmente misturados.

Algo profundamente diferente ocorreu, assim como sua ressurreição tornou o comportamento dos discípulos profundamente diferente. Esta discussão sobre pano e vinho mostra a potência da coisa nova, que o vinho novo é tão potente que o velho não consegue segurá-lo.

Ou que o pano sem aparar, a peça nova, se afastará do velho. Ele tem uma força e uma imagem. E, claro, essas imagens teriam sido aquelas que eles entenderam prontamente.

Eles entenderam prontamente que, é claro, você nunca faria isso entre pano velho e novo. E você nunca faz vinho novo em odres velhos. A ideia aqui é que, enquanto os fariseus podem ter assumido, os líderes religiosos podem ter assumido que se preparar para a era messiânica, se preparar para a vinda do Messias, isso seria congruente com uma adesão estrita às suas tradições.

Jesus está dizendo que a vinda de Deus é muito diferente e é muito mais potente e muito mais forte e vem na minha presença. E então, há esse repensar forçado das coisas. Ele está desafiando aqueles que estão fazendo essa pergunta a tentar pensar

no que está acontecendo na presença de Jesus nos mesmos termos que você pensou em todo o resto é tentar colocar vinho novo em odres velhos.

Tentar pensar na chegada de Jesus da mesma forma que as tradições orais ou a compreensão do que se pensava que ocorreria com a vinda do Messias é tentar colocar pano novo em pano velho. E então, pensar nos discípulos precisando jejuar na presença de Jesus seria fazer o mesmo. E então, temos essa controvérsia em ação, essa pequena, pequena, poderosa declaração.

Quero passar para a próxima controvérsia que ocorre aqui com os versículos 23 a 28. E, novamente, observe que há esse acúmulo contínuo de controvérsias. E observe com que frequência ele se concentra na comida.

Muitas das questões que surgem no Evangelho de Marcos lidam com alimentação ou de alguma forma relacionadas à comida. Não acho que seja um acidente. Primeiro, grande parte da tradição oral era em torno da comida e lidava com práticas de jantar.

Mas acho interessante como eles continuam a ter temas muito semelhantes. Então, vamos pegar isso aqui no final do capítulo 2 com o versículo 23. Um sábado, Jesus estava passando pelos campos de grãos, e enquanto seus discípulos caminhavam, eles começaram a colher algumas espigas de grãos.

Os fariseus disseram a ele: Olha, por que eles estão fazendo o que é ilícito no sábado? Ele respondeu: Vocês nunca leram o que Davi fez quando ele e seus companheiros estavam com fome e necessidade? Nos dias de Abiatar, o sumo sacerdote, ele entrou na casa de Deus e comeu o pão consagrado, que é lícito e somente para os sacerdotes comerem. E ele também deu alguns aos seus companheiros. Então ele disse a eles: O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado.

Então, o Filho do Homem é Senhor até do Sábado. Então agora temos comer e Sábado, que é meio que trabalhar juntos. E eu acho que devemos notar que a controvérsia realmente não é sobre o brilhar e comer um pequeno grão.

Isso era permitido. Isso era permitido ao estrangeiro e ao pobre por Deuteronômio 23. A questão não é realmente comer.

A questão é mais que eles poderiam ser acusados de ceifar. É a ceifa no sábado. Há um tipo de trabalho que é proibido em Êxodo 34.

E na Mishná, é explicitamente proibido. Então, temos esse padrão que estamos observando. Versículo 24, desculpe-me, com o versículo 27 tendo essa máxima, que leva a uma conclusão no versículo 28.

Então, temos essa configuração que leva a uma máxima e que leva a uma conclusão dessa máxima. Então, vamos dar uma olhada no processo de como isso acontece. Primeiro, observe esse padrão.

Os fariseus disseram, olha, por que eles estão fazendo o que é ilícito no sábado? Essa interação, perguntando ao mestre por que os seguidores estão fazendo errado, perguntando aos seguidores por que o mestre está fazendo errado. Essa é uma tática comum e não uma maneira incomum de começar um conflito. Então, no cerne aqui não está Jesus; você precisa corrigir seus discípulos.

Não é isso que está acontecendo aqui. A implicação é Jesus. Por que você está fornecendo tal ensinamento ou tal maneira de pensar que seus discípulos se sentem livres para negligenciar o Sabbath, especialmente na sua presença? Então temos esse ataque aos discípulos, se você quiser, comportamento do Sabbath.

Mas observe a resposta de Jesus: Ele defende seus discípulos voltando-se para as Escrituras. Então Jesus vai ter um debate bíblico com esses líderes. Isso entra naquela categoria que esperaríamos com escribas e interpretações de escribas onde eles estariam usando pedaços das Escrituras para ajudar a informar em situações específicas porque a suposição era que havia uma unívoca nas Escrituras, que as Escrituras diziam a mesma coisa, e então você poderia ir para outras partes das Escrituras para afirmar ou interpretar áreas disputadas.

Ele continua mencionando que Davi e seus homens estavam em um momento nas Escrituras em que Davi e seus homens estavam com fome e que sua necessidade lhes permitiu fazer uma certa ação, que sua necessidade lhes permitiu tirar vantagem do sistema de previdência social, se preferir, que está em Levítico, que os pobres e os famintos tinham permissão para colher grãos nos campos de outras pessoas. E então, embora eles estejam falando sobre o sábado, Cristo responde afirmando o direito deles, indo até Davi e mostrando precedência para ignorar uma prática ritualística se a necessidade justificasse. Então essa é a conexão que ele está tentando fazer, que a prática ritualística que Davi fez foi ignorar o direito legal do sacerdote de comer o pão consagrado, mas de mais ninguém.

Então, Davi permite que seus homens entrem na casa de Deus e comam pão que foi separado, pão consagrado, pão ritualístico separado. Claro, em 1 Samuel 21, sabemos que Davi e seus homens certamente estão em necessidade; eles estão fugindo de Saul; este é o momento, e esta é a história a que ele está se referindo. E o que Davi é, e como o argumento de Jesus funciona, é que ele presume que os fariseus aqui com quem ele está falando, que os fariseus afirmariam que o que Davi fez era certo.

Quero dizer, a suposição aqui é que o que Davi fez foi certo. E que, bem, se Davi estava certo em fazer seus homens comerem pão por necessidade, eles estavam fugindo de Saul. Se eles estavam certos em comer por necessidade, em quebrar o ritual, essa necessidade era mais importante do que observar o ritual; se Davi estava certo, então ele diz, assim como meus discípulos.

O requisito de colheita no sábado não exige que eles renunciem à sua necessidade aqui, se você preferir, e que sua necessidade de comer seja justificada. Esta seria uma espécie de maneira comum de ilustrar um ponto, um tipo de argumentação judaica com a qual os fariseus estariam familiarizados. Agora, há um pequeno problema, talvez como uma nota lateral a ser abordada, que é a questão de se Jesus conhece sua Bíblia. Porque o versículo 26 diz, Jesus disse, nos dias de Abiatar, o sumo sacerdote, ele se referindo a Davi, entrou na casa de Deus e comeu o pão consagrado.

Bem, aqui está o problema: quando olhamos para a Bíblia hebraica, não é Abiatar, que era o sumo sacerdote naquela época, mas Aimeleque. Há um erro aqui? De fato, quando você olha para Mateus e Lucas, Mateus 12 e Lucas 6, e seus relatos, eles tiram os dias do sumo sacerdote Abiatar, e os removem. Claro, fica ainda mais confuso quando você adiciona ao fato no Antigo Testamento que Abiatar e Aimeleque também pareciam estar confusos, ou pelo menos é confuso.

Se você olhar para 1 Samuel 22:20, 2 Samuel 8:17, 1 Crônicas 18:16, 1 Crônicas 24:6, e até mesmo a genealogia, parece que há um pouco de interação. O que devemos fazer com isso? Jesus pegou o sujeito errado quando disse nos dias de Abiatar? Bem, acho que o aspecto importante aqui é reconhecer que não queremos importar uma maneira moderna de falar para o contexto antigo. Não era incomum falar de um período de tempo ou dos dias de e usar a figura mais dominante como aquela para caracterizar esse período de tempo.

Então, Abiatar foi o sumo sacerdote mais dominante durante o período de Davi, não Aimeleque. Então, chamá-lo nos dias de Abiatar não teria sido uma declaração incorreta. Onde pensaríamos nisso em termos de bem, isso não é preciso, mas estamos olhando para isso de uma maneira diferente de transmitir informações.

Jesus não está discutindo se Aimeleque era o sumo sacerdote ali ou não, ele está caracterizando o tempo. E você caracterizaria o tempo frequentemente pela figura mais dominante. Seria semelhante talvez a dizer durante o período da Guerra Revolucionária dos Estados Unidos da América nos dias de George Washington.

Você não precisa necessariamente estar se referindo a algo que ocorreu durante a presidência de John Adams, mas você ainda pode se referir a isso nos dias de George Washington como uma caracterização daquele período. Seria parecido com algo assim. Caso você esteja interessado, este teria sido o pão da proposição que está em

vista aqui, o pão que é assado pouco antes do Sabbath; doze pães são assados para o padre.

Agora, eu amo que ele vá até Davi aqui, e ir até Davi aqui também permite que um eco messiânico esteja no lugar. Ele está usando um exemplo de Davi fazendo o certo e os seguidores de Davi como justificativa para o que ele fez e o que ele permitiu que seus seguidores fizessem. E isso leva então, é claro, à declaração de que ele disse a eles, o sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado.

A propósito, temos algo muito parecido de um rabino do século II, rabino do século II d.C., escrito comentando sobre Êxodo. O sábado foi dado a você, você não recebeu o sábado. Pode ser uma possibilidade de termos lá do século II, um rabino pegando uma declaração conhecida que Jesus fez, e que ganhou pernas, ou que talvez houvesse uma tradição que tinha esse tipo de ideia de declaração.

Ainda mais importante, lembre-se de que em Cafarnaum, quando Jesus estava ensinando, comentários foram feitos de que ele tinha um ensinamento com autoridade, diferente dos escribas. Acho que este é um ótimo exemplo disso. Fizemos a pergunta quando estávamos olhando para o capítulo um: o que significa ter uma autoridade de ensino diferente dos escribas? Bem, esta é a primeira parte desta interação, e é claramente um debate.

Quero dizer, quando Jesus introduziu isso no versículo 25 com, vocês nunca leram? Quero dizer, dizer vocês nunca leram para os fariseus é um insulto, indicando que teremos um debate onde meu objetivo é provar sua ignorância. Quero dizer, essa não foi uma maneira gentil de introduzir uma discussão educada. Então, essa é claramente uma discussão de escriba, e Jesus segue uma maneira muito Hagadá de argumentar.

Ele segue uma maneira muito padrão de argumentar. Vou encontrar um exemplo diferente nas escrituras que prova o princípio, a saber, que a necessidade justifica a superação de preceitos legais, e deixá-lo aplicar aqui. Então, tudo o que ele está fazendo até aquele ponto está extremamente de acordo com uma autoridade como os escribas.

Mas é a próxima declaração que eu acho que começa a entrar na autoridade, diferente dos escribas, onde ele declara a intenção do Sabbath. Que o Sabbath foi feito para o homem, não o homem para o Sabbath. Que ele está tomando uma posição de declarar, eu sei o propósito do Sabbath.

Isso foi além, o debate aqui então foi além de eles fizeram certo nessa coleta de grãos. Eles fizeram certo? Foi além disso. Se esse fosse seu único objetivo, que era justificar o comportamento, dizendo que isso está de acordo com as escrituras, ele teria alcançado esse objetivo.

Mas ele vai um passo além e começa a declarar a intenção do porquê o Sabbath existe, para começar. Esta é uma perspectiva divina que nos permite declarar a intenção do Sabbath. Não é mais em manter o Sabbath, é por que o Sabbath.

A posição que Cristo toma no Sabbath é servir, um presente para servir a humanidade. O Sabbath foi estabelecido para que a humanidade pudesse descansar. Para que aqueles pudessem aproveitar e separar um tempo para adorar e se recuperar e se recompor.

Foi um presente de Deus para a humanidade e, de fato, o tempo da era vindoura é frequentemente retratado como desfrutar do sábado como um tempo de descanso perpétuo e prazer pelo trabalho duro. Então, o sábado deveria ser de serviço e, portanto, se o sábado deveria ser de serviço, se um homem estivesse em necessidade, se uma mulher estivesse em necessidade no sábado, bem, o desígnio no coração do sábado era Deus quer que suas necessidades sejam atendidas. Deus quer que eles sejam cuidados.

O Sabbath era um meio de cuidado. Era um tempo artificial que Deus inseriu. Não há nada natural sobre o tempo da semana.

Há algo natural sobre o momento do dia, se você pensar sobre o sol nascendo e se pondo ou mesmo o ano com a rotação do planeta ao redor do sol. Mas a semana arbitrária, que é um tempo inserido por Deus do qual parte disso foi separado, o sábado. E o que esses líderes religiosos fizeram, se eles transformaram o sábado de um presente em um fardo, eles, em vez das necessidades das pessoas serem atendidas, para as quais o sábado foi projetado, o que ocorreu é que na verdade as pessoas estão sofrendo ou são potencialmente autorizadas a sofrer se de alguma forma violassem o sábado.

Então, tem sido uma reviravolta. As estipulações da tradição oral que cercaram o Sabbath, elas transformaram o Sabbath em algo que ele não era. E sua justificativa para poder dizer isso, ele continua dizendo que é, então o Filho do Homem é Senhor até mesmo do mundo.

Então o Sabbath. Agora sabemos o que é o Filho do Homem, que é um título interessante. O Filho do Homem é o título cristológico que Jesus mais frequentemente toma para si, mas raramente é colocado sobre Jesus por outros.

Geralmente, Jesus é declarado Senhor ou Messias, Filho de Deus. Mas Filho do Homem, ele toma isso sobre si. E Filho do Homem pode ter uma variedade de significados.

Uma é que pode ser simplesmente outra maneira de falar sobre, outra maneira de dizer humano, homem, que é como o Filho do Homem que você o considera. Há essa ideia de apenas a mortalidade. Outra é uma possível circunlocução para eu. Então, não é cristológico de forma alguma, nem título de forma alguma. É apenas outra maneira de dizer eu. Então, em vez de dizer que estou falando sobre o Evangelho de Marcos, eu diria que o Filho do Homem está falando sobre o Evangelho de Marcos, é outra maneira de dizer isso.

O terceiro, porém, é um título cristológico que parece ter sua raiz, muito provavelmente em Daniel 7. Em Daniel 7, você tem as visões apocalípticas que estão em ação, as diferentes bestas que estão travando guerra e batalha contra os escolhidos, contra os eleitos. Nessas bestas, Daniel tem essa visão de uma figura final que é descrita como alguém semelhante ao Filho do Homem. E este, como o Filho do Homem, senta-se na companhia de Deus, e conforme você lê Daniel 7, representa também o povo e é vitorioso.

E este aqui como o Filho do Homem, e há todos os tipos de imagens interessantes da criação porque os reinos que estão em guerra e o simbolismo associado a esses reinos que não temos tempo para entrar agora, mas eles são todos animais, mas aquele que os subjuga parece humano. Você tem a imagem do Gênesis, a imagem do Jardim do Éden e animais, mas é um homem que é dominante sobre os animais. Então, há todos os tipos de imagens disponíveis.

Bem, este, como o Filho do Homem que então se senta em julgamento, senta-se na companhia do Altíssimo e representa o povo, desenvolve-se após Daniel, desenvolve-se nesta ideia de figura para onde, e você vê isso em algumas das outras literaturas do Segundo Templo que são por volta da época de Jesus, onde há este desejo por este Filho do Homem, esta figura que Daniel descreveu em uma visão agora se torna uma figura distinta esperada que virá. E então, é uma figura muito alta. Quero dizer, a ironia é que às vezes pensamos no Filho do Homem como uma figura baixa quando se trata da representação de Cristo, mas na verdade é um título cristológico muito alto.

Se estiver vindo de Daniel 7, é um título cristológico alto. E veremos frequentemente que Jesus usa Filho do Homem em referências à autoridade e ao poder. Quando ele fala sobre como o Filho do Homem deve sofrer, as pessoas têm um grande problema; os seguidores de Jesus têm um grande problema com isso porque como essa figura, o Filho do Homem, poderia sofrer? Esses dois parecem estar um contra o outro.

Quando os líderes religiosos, quando os sumos sacerdotes perguntarem a Jesus se ele é o Cristo, Jesus irá afirmar isso, e então ele diz, vocês verão o Filho do Homem vindo nas nuvens. E é aí que eles rasgam suas roupas por blasfêmia porque ele não apenas afirmou que é o Messias, mas deu um passo a mais para declarar que é o

Filho do Homem que virá e julgará. Então, essa figura do Filho do Homem é o título que Jesus parece tomar sobre si mesmo que ele quer.

E eu acho que é isso que está aqui. Eu não acho, versículo 28, que alguns vão argumentar que Filho do Homem aqui é outra maneira de dizer homem. Quero dizer, a ideia está lá de que o sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado.

Então, o homem é Senhor até do Sábado. Isso não faz muito sentido aqui porque Jesus está fazendo uma declaração autoritária. Acho que ele está dizendo que o Filho do Homem é Senhor até do Sábado.

Não é diferente do que já vimos no capítulo 2, mas para que você saiba que o Filho do Homem tem autoridade para perdoar pecados quando esta foi a cura do paralítico. Ali está claramente Jesus. Jesus não estava declarando para que você saiba que todas as pessoas têm autoridade para perdoar pecados.

Ele está claramente falando sobre si mesmo e ele ainda continua dizendo, o que é mais fácil de dizer, perdoe pecados ou pegue sua maca e ande. Então, eu acho que com isso em mente, olhamos para o versículo 28 e Jesus está dando a razão pela qual ele pode dizer a intenção do sábado. A razão pela qual ele pode dizer por que a intenção do sábado é porque ele é o Filho do Homem.

Ele é o Senhor do Sábado, significando que ele deu o Sábado e sabe a razão para isso. Torna-se uma declaração muito mais forte. É isso que temos visto no capítulo 2. Essas ideias dos vários relacionamentos autoritativos que estão em vista.

Observe a maneira como isso tem acontecido, no entanto. Saímos de Cafarnaum com essa ideia de Jesus ser capaz de ensinar o que ele está fazendo para as pessoas com uma autoridade que elas nunca viram antes, expulsar milagres com autoridade, exercer demônios com autoridade. Nós nos movemos disso e até mesmo através da história do leproso, mas quando entramos no homem paralítico, e entramos na controvérsia da colheita de grãos do sábado, a autoridade de Jesus está se tornando mais e mais pronunciada.

Ele está começando agora a deixar claro que sua autoridade não é simplesmente a mais forte, como João Batista o chamou, mas a mais forte por causa da identidade divina. Ele não é apenas o Messias esperado que veio, mas há algo mais. Ele veio com o poder de perdoar pecados, ou seja, desfazer a queda.

Algo que o establishment religioso tinha o direito de fazer era declarar algo limpo ou impuro. Jesus diz ao leproso que ele está limpo. Era autoridade deles fazer os sacrifícios de acordo com o que as escrituras diziam.

Jesus está dizendo, eu posso declarar que os pecados estão perdoados. Era a autoridade deles dizer o que era certo ou errado no sábado e Jesus diz, eu sei por que o sábado existe, pois eu sou o Senhor do sábado. Ele está emitindo declarações que inevitavelmente levarão a mais e mais conflitos porque ele está estabelecendo sua autoridade no plano de Deus, não no plano da humanidade.

Vamos ver isso continuar a acontecer. Vamos ver controvérsias sobre o Sabbath continuarem a aparecer. Vamos ver controvérsias sobre comida, e vamos chegar, no capítulo três, a um conflito com os líderes religiosos sobre o grande número de exorcismos para onde as linhas divisórias agora estão claramente definidas.

Estou ansioso para passar pelo capítulo três com você na próxima vez que nos encontrarmos. Obrigado.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 5 sobre Marcos 2:18-28. O Ministério Público Continua.